

---

## IMAGINÁRIO E CRISE DAS

---

## REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS

---

A experiência religiosa em todos os povos e culturas se expressa através do simbólico que à sua vez se expressa através da linguagem, da arte, dos rituais e das mais diversas concepções e modelos de vida. A religião estabelece assim um sistema de símbolos que define e determina o modo de sentir, viver e agir. Tudo, portanto mergulha no sagrado e só tem sentido no âmbito das práticas religiosas. A religião torna-se um suporte que oferece à comunidade os meios para resolver os problemas do dia a dia. É através da religião que as pessoas buscam respostas às ansiedades mais profundas do ser humano. Porém não faltam, em nossos dias, vozes dissonantes que negam a importância da experiência religiosa e põem em dúvida a existência do sagrado. O crítico literário inglês, Christopher Hitchens morto em 2011, foi considerado um dos mais proeminentes expoentes do moderno ateísmo. Ele deixa bem claro esta posição em seu livro “*Deus não é Grande: como as religiões envenenam tudo*”, publicado em 2007. Também Richard Dawkins em seu livro *Deus é um delírio* de 2006 manifesta sua crença absoluta na razão e entende que a religião é um equívoco e que a pessoa deve encontrar sua autonomia e banir a autoridade do transcendente em sua vida. Estas e outras pesquisas tentam denunciar o afastamento da realidade contra uma adesão cada vez mais forte e visível das pessoas às mais diversas expressões religiosas. A razão instrumental baseada nestas teorias positivistas disseminou a crença de que somente a ciência seria capaz de produzir um conhecimento qualificado. Diante deste contexto seria esta adesão religiosa uma maneira de reconhecer a derrota da razão em lidar com os problemas que afligem a humanidade: o medo, a insegurança, a ansiedade? Será que o cenário atual explicaria o retorno do religioso? Segundo Vattimo (1996, p. 17) este retorno se justificaria em função

de uma série detransformações no mundo do pensamento, nas vicissitudes das teorias. Se durante muitosdecênios do nosso século as religiões surgiram, segundo a ideia iluminista e positivista, como formas de experiência ‘residual’ destinadas a consumir-se à medida que se impunha a forma de vida ‘moderna’ (racionalização técnico-científica da vida social, democraciapolítica etc.), hoje elas aparecem novamente como guias possíveis para o futuro.

Para ele a crise da modernidade trouxe também a dissolução das teorias que julgavam ter liquidado a religião (1996). Os teóricos modernos esqueceram de que o simbolismo não pode ser anulado ou superado pelo logos, pois está implicado nele. Para Bartolomé Ruiz (2004) o simbólico é construído e envolvido pelo lógico. Uma teoria racional e mesmo científica constitui uma forma simbólica de explicar a realidade. E a religião é uma forma simbólica de explicar o mundo e a realidade. Portanto o logos não supera o simbolismo nem a racionalidade desentranha de forma definitiva todos os sentidos simbólicos. Racionalidade e símbolo estão interligados no humano e na produção de significações sociais. Sendo assim a religião assume sua dimensão estruturante e explicativa (logos) do mundo. Pois na medida em que elabora, cria e recria o imaginário este se manifesta e se expressa dando coerência de sentido, permitindo a explicação convincente do mundo e resgatando as pessoas do seu estar ‘sem-chão’ (BARTOLOMÉ RUIZ, 2004). As religiões em nossa sociedade apontam

para um sentido viável e provável enquanto possibilita desabrochar o mundo para um infinito criador que potencia a criação sóciohistórica. Desse modo, a práxis social, a criação humana e a realidade como um todo carregam-se numa densidade de sentido que transcende os limites espaciotemporais e desenham uma dimensão que na sua plenitude é teofânica (BARTOLOMÉ RUIZ, 2004, p. 171).

Neste número da Revista Caminhos, o primeiro de 2012, os diferentes textos, a partir de perspectivas teóricas diferentes, refletem sobre estas questões e apontam para o dinamismo das expressões religiosas e para as crenças que equivalem às representações cognitivas que caracterizam a consciência coletiva. Estas crenças constituem os sistemas que classificam as coisas reais ou ideais, em sagradas e profanas. Os rituais ditam as regras de conduta e prescrevem como as pessoas devem se comportar. Percebe-se que os rituais estão impregnados de ideologias, de relação de poder, hierarquias e elementos do cotidiano. Rito e rituais promovem leituras da realidade social e se constituem num *locos* de alternativas ideológicas voltadas, ou não, para a manutenção do *status quo* e ao mesmo tempo é produtor de solidariedade entre as pessoas. Estas são transportadas para fora de si, distraídas de suas ocupações e preocupações ordinárias, reelaboram simbolicamente o próprio ciclo de rotina.

Vejamos, então, com a ajuda dos/as diversos/as autores/pesquisadores/as como tais reelaboraões são realizadas.

Boa leitura!

Referências

RUIZ, Castor Bartolomé. Os paradoxos do imaginário. São Leopoldo: Unisinos, 2004

VATTIMO, Gianni. *Acreditar em Acreditar*. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.

Irene Dias de Oliveira

Editora deste número da Caminhos